



Interpretações de Zero Hora: Uma Análise de Imagem à Luz da Teoria Semiótica Russa¹

Manoella Fortes FIEBIG²
Bárbara Hendrich CORRÊA³
Briana KLAUS⁴
Caroline CASALI⁵

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, RS

RESUMO

Este artigo pretende analisar uma fotografia específica à luz da teoria semiótica russa e da teoria semiótica das cores. O objetivo deste trabalho é o de encontrar os diversos códigos culturais encontrados na imagem da tropa de choque da Brigada Militar em frente à Zero Hora em manifestação que ocorreu em Porto Alegre, assim como aprofundar sua interpretação por meio da incidência das cores na imagem para relacioná-la com as teorias semióticas propostas.

Palavras-chave: teoria semiótica russa; teoria semiótica das cores; fotografia; interpretação.

Introdução

Percorrendo todos os cantos do mundo encontramos divergências entre ideologias e pontos de vista. A história da humanidade é marcada por estas divergências que, não raro, geram conflitos entre as sociedades que não compactuam com os mesmos ideais. Gohn (1995, p. 07) comenta que “usualmente essas ações aparecem nos registros e estudos históricos como acontecimentos marginais, como disfunções à ordem vigente” e, no caso do Brasil “várias – ações – transformaram-se em movimentos, lutas prolongadas [...]. Outras foram incorporadas ou absorvidas pela sociedade civil e política” do país.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Intercom Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Acadêmica do 7º semestre do curso de Jornalismo da UFSM/FW, e-mail: manoellaff@gmail.com

³ Acadêmica do 7º semestre do curso de Jornalismo da UFSM/FW, e-mail: barbarahc@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 7º semestre do curso de Jornalismo da UFSM/FW, e-mail: brianaklaus@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação – DECOM da UFSM, campus Frederico Westphalen, RS, e-mail: carolcasali@gmail.com



Neste contexto de mobilização social é que o Brasil se enquadra nesse momento, visto que nos últimos meses (maio e junho de 2013), várias manifestações eclodiram pelo território nacional reivindicando, entre outras pautas, a redução dos valores cobrados pelas taxas de ônibus – inclusive, por esta razão é que os protestos começaram a pipocar em todos os cantos do país –, e demonstrando a insatisfação do povo perante os atos corruptos publicizados na mídia envolvendo representantes políticos.

Porto Alegre foi uma das primeiras capitais a se organizar para realizar manifestações acerca do preço das passagens – movimento que ficou popular na *internet* como “a revolução dos 20 centavos” – e reunir um grande número de manifestantes nas ruas. Desde o primeiro protesto realizado no mês de maio na capital gaúcha, outros manifestos aconteceram em sucessão. Um deles aconteceu no dia 20 de junho e envolveu cerca de 10 mil manifestantes que se reuniram no Centro da cidade (em frente à Prefeitura) e percorreram as principais avenidas circundantes até chegarem à Avenida Ipiranga.

O prédio do jornal Zero Hora (ZH) fica localizado na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre. Neste dia, a tropa de choque da Brigada Militar estava à postos em frente ao prédio do estabelecimento no exato momento em que a fotojornalista, Karine Viana clicou a foto que analisaremos no presente trabalho. Karine abastece um blog jornalístico intitulado “Fotonarrativa” e nele a jornalista conta sobre o cenário no qual foi tirada a foto:

“Em frente ao prédio da Zero Hora [...]. Nas duas vias da Ipiranga, a tropa de Choque esperava os manifestantes. Do lado de lá (ZH), com um clima aparentemente mais tenso por parte dos que ali protestavam, as bombas de efeito moral não demoraram a ser jogadas. Do lado de cá, encurralados entre o arroio e um muro, longe de qualquer rua lateral, a sensação era de pacificidade”.

A publicação da foto na *internet* gerou muitos compartilhamentos ainda na mesma noite da manifestação. A imagem saiu do blog de Karine e foi publicada e compartilhada por inúmeros usuários do *facebook*, entretanto, a foto saiu de circulação na rede social pouco mais de duas horas após sua difusão.

No outro dia, o Grupo RBS (empresa de comunicação multimídia que é gestora de muitos meios de comunicação no Rio Grande do Sul, dentre eles, o jornal Zero Hora), publicou um nota extraoficial no *facebook* para justificar a ação da polícia na noite anterior:

“A respeito dos incidentes em Porto Alegre, esclarecemos que o Grupo RBS era alvo declarado de ataques. Grupos isolados, que não representam o movimento pacífico das ruas, planejavam executar atos de depredação e



vandalismo na área da sede da empresa, com a intenção de gerar grande repercussão e estimular um clima de atrito e desordem”. (Grupo RBS, via *facebook* – Imagem em anexo: 1)

Estas considerações iniciais vem ao encontro das teorias que iremos apresentar a seguir, para demonstrar o contexto social no qual está inserida a fotografia, assim como as relações de poder que podem ser denotadas a partir da análise à luz da semiótica das cores e as diversas interpretações que podem surgir por meio da leitura da foto em diferentes contextos.

Semiótica Russa: da leitura dos elementos culturais

A Semiótica Russa, também conhecida como Semiótica da Cultura, é uma corrente de pensamento que surgiu na Escola de Tártu, Moscou, na Rússia nos anos 60. A corrente semiótica a qual os semioticistas russos apresentavam era a de uma visão globalizadora da cultura, onde a leitura dos elementos desta cultura acontece por meio de um conjunto unificado de sistemas. Machado (2007) explica que, já que os semioticistas desta linha de estudo não precisavam teorizar sobre os signos – tendo em vista que o signo já teria sido avaliado anteriormente por outros correntistas da Semiótica, como Charles Sanders Peirce, Ferdinand de Saussure e Roland Barthes – os semioticistas da cultura lançavam-se “na investigação sobre o comportamento e, conseqüentemente, sobre as relações entre os sistemas de signos da cultura” (2007, pág. 142). O que a autora quis dizer é que “a capacidade de compreender os sistemas semióticos como produtos da culturalização” acontece na verificação da mudança da informação em linguagem, e, conseqüentemente em sistema da cultura; e é acerca desta questão que os semioticistas russos norteiam seus estudos.

Neste ponto, Machado dinamiza o conteúdo ao explicar que “para saber ler esses sistemas é necessário, sobretudo, conhecer os códigos culturais que os escrevem”, pois cada texto (seja ele verbalizado, desenhado, etc) tem em sua essência inúmeros sistemas inseridos automaticamente, que só podem ser entendidos quando estão em uma correlação com os outros sistemas instituídos no mesmo texto.

Yuri Lotman foi um dos pesquisadores que se dedicou a esta corrente de pensamento semiótico pelo viés da cultura, e “atualmente, a obra de Yuri Lotman obteve reconhecimento mundial, particularmente na área dos estudos semióticos e serve como referência para muitos outros pesquisadores” (VÓLKOVA, 2012, p. 06). Além disso, por ser um dos fundadores e idealizadores da Escola Semiótica de Tártu-Moscou,



“Lotman pode ser considerado um dos representantes mais notáveis da semiótica russa” (VÓLKOVA, 2012, p. 06).

Vólkova também define sua obra como “inseparável do contexto histórico dos estudos de literatura, linguística, semiótica e da cultura” (2012, pág. 06). Ademais, a autora também fala que

a essência da semiótica da cultura lotmaniana começou a se formar no âmbito da Escola Semiótica de Tártu-Moscú e com base na tradição dos estudos linguísticos, já nos trabalhos posteriores ela adquiriu um caráter mais filosófico, ao lidar com a imprevisibilidade dos processos culturais universais (2012, pág 06)

Por esta razão, por acreditar que a cultura é formada por inúmeros elementos e que estes somente podem ser compreendidos quando estão relacionados entre si, Lotman estabeleceu três tópicos para a interpretação da significância dos elementos culturais, são eles: cultura, sistemas e modelização.

A cultura é o conjunto unificado de sistemas como mito, religião, artes (no qual se enquadra nosso objeto de pesquisa – fotografia), teatro, música, arquitetura, moda, ritos comportamentais. E ainda, “Lotman escreve que a totalidade da cultura está ‘imersa em um espaço semiótico’ e que temas dentro de uma cultura determinada ‘só podem funcionar por meio da interação com esse espaço’” (MERREL, 2003, pág 165), o que também ajuda a explicar o processo de modelização que veremos em seguida.

Já os sistemas seriam os códigos culturais, ou seja, toda manifestação que se inclua em alguma cultura. Podemos exemplificar desta maneira: a cultura é gaúcha, seus sistemas circundantes são o churrasco, as gírias, o chimarrão, o chapéu, o vestido de prenda, o carreteiro. Se enquadram em sistemas todas as manifestações que possam acusar determinada cultura, como a língua (que é considerada como modelizador primário, pois quando conversamos logo distinguimos quem é brasileiro, argentino ou inglês, por exemplo), as vestes, a culinária, os costumes, etc.

A modelização consiste em compreender a significância dos objetos culturais presentes em uma cultura. Para Moura, “o conceito de modelização é mesmo de fundamental importância para os semioticistas russos [...], pois é a partir dessa abordagem que se desvenda no fluxo informacional o diálogo das múltiplas codificações presentes no processo” (2007, pág. 02). Desta forma, podemos dizer que a modelização nada mais é do que a organização de todas as informações (ou sistemas/códigos culturais) num determinado contexto (ou cultura). Lotman pode exprimir que



“O homem é inevitavelmente arrastado num processo intensivo: ele está rodeado por uma vaga de informações, a vida envia-lhe os seus sinais. Mas estes sinais não entendidos, a informação não é compreendida e perdem-se as possibilidades importantes na luta pela sobrevivência, se a humanidade não chega, por uma necessidade, sempre crescente, a decifrar estas vagas de sinais e a transformá-las em signos que permitam a comunicação na sociedade humana” (LOTMAN, 1978, pág. 29)

Neste sentido, para generalizarmos a teoria semiótica proposta por Lotman, anexamos a seguir um trecho de entrevista em que o próprio autor exemplifica sua teoria:

“Suponhamos que você tenha um canhão que atira em um alvo que você não vê. O alvo está atrás da montanha. Tem uma montanha na sua frente, e não dá para enxergar coisa alguma. O que fazer? Então, você faz coisas simples. Coloca um posto de observação bem à esquerda e outro bem à direita e os liga através de um rádio. Um olha sob um ângulo, outro sob outro, e você vê o que está atrás da montanha. Ou seja, mudando seu ponto de vista, você o amplia. A diferença de posições fornece um certo avanço rumo à verdade” (VÓLKOVA apud LOTMAN, 2012, pág 26)

Moura (2007, p. 02) acrescenta que “Lotman também considerava a formulação de que a vida de todo e qualquer ser representa uma interação complexa com o meio que o rodeia”, isto é, o semioticista acreditava que toda cultura é formada por inúmeros sistemas e estes só podem ser compreendidos quando correlacionam-se uns com os outros. Um exemplo grosseiro pode fixar esta teoria da seguinte maneira: muitas pessoas se vestem com jaquetas de couro, no cabelo usam moicano tingido de vermelho, usam cadeados no pescoço e clips pendurados nas calças rasgadas. Se visualizarmos uma pessoa com estas vestes isoladamente, ela não fará sentido, pois estará habitando um lugar fora de seu contexto. Porém, quando visualizamos um grupo com as mesmas vestes, realizando as mesmas atitudes, entendemos que trata-se de um grupo adepto ao movimento *punk*, e que juntos, formam um ambiente de normalidade, tradição, de cultura.

Assim como Lotman, um dos pesquisadores semióticos russos mais conhecidos é o Mikhail Bakhtin. O autor nasceu em 1895, em Oriol e estudou “Universidade de Odessa, depois na de São Petersburgo, de onde saiu diplomado em História e Filosofia, em 1918” (BAKHTIN, 2006, pág. 12). Lima, tomando como base as proposições bakhtinianas, explica que,

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas e cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso. (LIMA, página única da internet)



Bakhtin cria o conceito de gêneros discursivos e ressalta que as pessoas somente falam, escrevem e se comunicam por meio destes e, segundo o próprio autor

Cada esfera conhece seus Gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 2006, pág. 248)

Bakhtin quer dizer com esta afirmação, que os enunciados (sejam eles verbalizados ou não) são adequados à sociedade na qual eles são produzidos. Por exemplo: há alguns anos atrás, o meio de comunicação mais utilizado pelas pessoas era a correspondência por meio de cartas. Hoje em dia, com a instantaneidade da *internet*, as cartas migraram para as correspondências eletrônicas, os *e-mails*, suprimindo as novas necessidades da sociedade. Neste caso, o “gênero discursivo” seria o texto escrito, sua “função” seria a de comunicar algo à alguém e se faz “relativamente estável” porque a sociedade vive em constante mudança e, assim sendo, requer atualizações contínuas.

Os gêneros discursivos de Bakhtin, por serem pensados de modo amplo, são divididos da seguinte maneira: a) Gênero primário: comunicação oral, verbalizada e comunicação escrita. Corresponde aos esforços cotidianos que o ser humano produz para se comunicar; b) Gênero secundário: comunicação por meio da literatura, teatro, música, fotografia, arte e desenho, documentos, etc. Corresponde à comunicação por meio de esferas mais elaboradas e complexas.

Para estruturar a teorização dos gêneros, Bakhtin relata que

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e os gêneros do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso - o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheio. (BAKHTIN, 2006, pág. 281).

Tomando como base a teorização sobre os gêneros de discurso de Bakhtin, Vaz afirma que,



partindo da perspectiva de que língua é discurso e que discurso é uma prática social, os gêneros do discurso também se configuram como práticas sociais, já que são formas tipificadas de discurso socialmente construídas e utilizadas para a realização de tarefas cotidianas mediadas pela linguagem. (VAZ, 2007 p. 09)

Podemos introduzir a fotografia neste contexto, em que os gêneros discursivos se inserem nas práticas sociais e as refletem, tanto como produto final quanto como processo de representação do real, como afirma Kossoy

“a eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético –, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural” (2001, p. 42)

Estas afirmações enquadram a fotografia no gênero secundário de discurso proposto por Bakhtin, principalmente por identificar que há diversas formas de linguagem embutidas nas imagens, o que propicia diversas leituras semióticas sobre ela. Além disso, podemos considerar o gênero fotografia como signo cultural, tomando como base Nobre e Gico, que a compreendem como a “construção de olhares reveladores da cultura, sendo uma representação e referência para o reconhecimento desta” (2011, p. 109).

Sendo assim, é possível dizer que a fotografia pode ser utilizada para realizar recortes da realidade e que, nesta realidade, estão inseridos diferentes elementos sociais e culturais que poderão ser lidos e transmitidos de diferentes formas, levando em consideração seu destino final: os receptores.

Além disso, tomando como ponto de partida o gênero fotografia podemos explicitar o fotojornalismo, que é uma prática fotográfica que vem ao encontro da prática jornalística convencional (apuração dos fatos e redação) e que auxilia os jornalistas na hora de contar suas histórias.

As fotos são utilizadas no jornalismo para levar informações adicionais aos textos e nortear os leitores sobre como e onde o que está sendo contado aconteceu, pois o recurso visual ajuda o leitor a situar os fatos no ambiente fotografado. Sousa afirma que

“a fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação” (2002, p. 05)



O fotojornalista, por sua vez, tem a responsabilidade de sempre fotografar o real no instante em que o fato aconteceu. Mesmo que o profissional obtenha equipamentos sofisticados de fotografia, como lentes de zoom prolongado, por exemplo, as fotos não podem ser alteradas, para não alterar também a leitura fiel da realidade. As concepções que demos até aqui servem como base para o próximo tópico, que falará sobre a semiótica das cores e como esta teoria interfere na leitura de sentidos tomando como objeto de análise a fotografia.

Semiótica das Cores: A relação entre cor e significado

Conforme Guimarães (2003), o olho humano é como uma “câmara obscura”, “que converge os raios luminosos para a parede interna do olho, captando, desta forma, a imagem” (2003, p. 21). Tomando a formação das cores como um processo essencialmente sensorial para os seres humanos, podemos tomar também como resultado de uma experiência ótica e interpretativa, a análise fotográfica.

No caso da análise midiática da fotografia em questão, precisamos pensar a semiótica das cores por um viés contextual (na análise a seguir, os conceitos explicados aqui servirão de apoio para demonstrar a interferência das cores na construção de sentido da imagem).

Primeiro vamos considerar a formação das cores, segundo Pedrosa, “a cor é causada pela reflexão dos raios luminosos incidentes em um determinado objeto, percebida pelo órgão da visão e interpretada pelo cérebro” (2007, pág. 33). Este é um termo técnico, já a semiótica das cores aprofunda ainda mais essa noção de cor e desvenda os significados próprios que cada cor carrega em si mesma.

A representação das cores na nossa vida vai depender do contexto social, psicológico e fisiológico em que vivemos. Por esta razão, a semiótica das cores “não deverá servir como um dicionário das cores, onde diretamente se revelaria a relação entre significantes e significados, mas sim como uma estrutura de orientação para a compreensão e o uso da cor como informação” (GUIMARÃES, 2003, pág 155).

Tomamos a cor como informação, pois iremos visualizar um produto midiático (imagem jornalística) por meio de suas cores e, desta forma, denotaremos uma interpretação para a imagem, o que a torna informativa e passível de significação. Ao analisarmos as cores da foto, trataremos também seus significados, que poderão ser assimilados pelo leitor realize sua própria interpretação.



Conjuntura: As teorias aplicadas à imagem

Retomamos aqui as considerações acerca do produto midiático a ser analisado: trata-se de uma fotografia tirada pela fotojornalista porto-alegrense Karine Viana, no dia 20 de junho de 2013. Na ocasião, acontecia uma manifestação na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre, contra o aumento da passagem de ônibus, entre outras reivindicações. O exato momento da foto mostra a BM posicionada bem à frente do prédio do jornal Zero Hora.

A análise começa pela definição das duas teorias semióticas: a semiótica da cultura, que nos possibilitará entender o contexto social da foto, assim como concede vazão às diversas interpretações acerca da imagem e sua significação; e a semiótica das cores, que nos ajudará a ler a imagem não apenas pelo que está explícito, mas também pela incidência de luz, pela paleta de cores que se formou na película e pelas informações contidas na fotografia. Abaixo, enfim, a foto, objeto de análise, de Karine Viana:



Sob o ponto de vista de semiótica da cultura, em primeiro lugar, precisamos visualizar a imagem como um conjunto de vários sistemas para compreender qual é o contexto em que esta foto está inserida. O exercício agora é dividir todas as partes da imagem para buscar entendê-la. Tomamos como conhecida a condição popular em que a foto foi tirada, logo, um dos sistemas a ser analisado é o povo (que não aparece no momento, mas que estava no local) e neste artigo será chamado de sistema 1; a Brigada Militar (BM) é outro sistema que deve ser levado em consideração – e será denominado sistema 2 –, já que está expresso na foto e toma uma posição defensiva, com escudos de proteção contra o sistema 1; o sistema 3 está estampado no topo central da imagem, com grande incidência de luz, a empresa privada, Zero Hora (ZH).

Costurando os três sistemas que diagnosticamos aqui, podemos dizer que o povo, tanto por não aparecer na foto quanto pela posição dos escudos da BM (os escudos encontram-se posicionados para o lado de fora da fotografia, o que sugere que há algo fora do cenário que deve ser combatido). Neste caso, é possível dizer que o sistema 1 se encontra numa condição de oprimido e marginalizado. A BM, por sua vez, também está numa posição de minoria, mesmo ocupando grande parte da fotografia, já que, visualmente, está sujeita a ZH. Além disso, os capacetes e escudos escondem o rosto dos policiais, o que sugere (e reforça) a ideia de opressão. O plano seguinte da imagem leva o olhar do leitor ao topo da foto, onde há a placa do Jornal ZH, em perspectiva centralizada, o que confirma a hipótese de que o sistema 3 é o órgão máximo de poder na foto. Ademais, o posicionamento da placa de ZH pode ser comparado à voz de Deus, pois é o único ponto iluminado na foto e que há plena visibilidade (pois a fotografia foi tirada durante a noite) e por esta razão ZH pode ser considerada como o poder supremo que vem do alto, que é onipotente e onipresente na fotografia.

Neste sentido, podemos distinguir um nível hierárquico entre os três sistemas, demonstrando que há diferenciação social dentro desta cultura, onde povo, BM e ZH podem ser particularizados e classificados por meio da divisão à luz da teoria semiótica da cultura.

Estes três sistemas citados acima, juntos, formam o contexto cultural da foto: a presença da polícia sendo manipulada a tal ponto de impossibilitar a passagem de pessoas de valor social (assim como os policiais) e, acima, como a voz em *off* da placa de Zero Hora. Em audiovisual, chamamos a voz de Deus para a locução em *off* que geralmente é gravada em estúdio e tem áudio melhor; podemos utilizarmos deste

conceito para tratar da imagem, sendo que a placa de Zero Hora constitui-se em a “voz de Deus” em forma de imagem. Junto com a expressão “a voz de Deus”, podemos trazer os conceitos de onipresente e onipotente, adjetivos dignos e exclusivos de Deus, que pode monitorar e manipular todas as ações que acontecem ao seu redor.

Na foto, observamos apenas os aspectos visuais até então, porém cabe também realizar uma pesquisa histórica sobre o jornal Zero Hora e sobre a empresa (Grupo RBS). Neste ponto, encontramos outro sistema igualmente importante para distinguir o contexto cultural da foto: a história.

Todas estas considerações que fizemos até aqui servem para demonstrar o exercício de modelização da cultura. Organizamos alguns dos fatos que encontramos na imagem e formamos um panorama e definimos um contexto para o cenário fotográfico. Desta forma, realizamos o exercício de modelizadores da cultura por meio da interpretação de seus sistemas circundantes. Além disso, caracterizamos esta imagem como um gênero secundário, segundo as especificações de Bakhtin, pois trata-se de arte em forma de fotografia. Nela, a polifonia também pode ser visualizada a partir do momento em que observamos os “discursos” incluídos na foto de Karine Viana: vemos o discurso da polícia repressora, vemos o discurso silenciado dos manifestantes que não aparecem na foto, vemos o discurso hierárquico de Zero Hora, todos constitutivos, pois não se expressam definitivamente.

Realizando a conjuntura das teorias à imagem, passamos agora a falar sobre a semiótica das cores. Não colocamos os conceitos de cada cor no referencial teórico, pois optamos por desvendar todas as leituras somente na análise. A predominância de cores escuras, além de demonstrar a noite, também nos levam a crer na credibilidade da empresa, assim como a sobriedade com que a situação está sendo encarada. Na teoria, a cor preta representa sofisticação, luxo, seriedade, e principalmente, indica o poder. Em contraste aos tons escuros, enxergamos ao fundo da imagem a placa de Zero Hora visivelmente iluminada. A cor branca demonstra limpeza e paz, porém como neste caso a cor branca toma destaque, podemos dizer que ela direcionou nossa leitura para a placa.

Além dos tons em preto e branco que trabalhamos aqui, também podemos visualizar tons amarelados que lembram a cor do ouro, do bronze. Neste caso, denota a grande concentração de riqueza, de abundância em volta do prédio de ZH.

Estas breves interpretações foram realizadas tomando como base o referencial teórico acima explicado. Por isso podemos nos basear na ideia de que a BM, além de oprimir os manifestantes, naquele momento também parecia oprimida, cega e sem



representatividade (fato comprovado ao visualizarmos os policiais sem rosto, denotando a ideia de que apenas a instituição ao fundo interessa). De outro lado, notamos claramente o poder de Zero Hora ao ser escoltado pela tropa de choque da BM. Não vemos manifestações, vândalos, tampouco bombas de efeito moral, porém, vemos as disparidades no contexto social: o povo temido pela grande potência e a polícia assumindo papel de fantoche.

Considerações Finais

A semiótica nos proporciona analisar os mais diversos discursos e manifestações da comunicação, seja ela verbalizada ou não. A semiótica da cultura é rica quando falamos de interpretação, pois nos possibilita desmembrar cada parte (ou sistema) de um produto (neste caso, imagem) para compreender os discursos implícitos que estão inseridos em sua interface. Neste artigo, com a ajuda da semiótica das cores, que nos trouxe um panorama sobre as significações de cada tonalidade encontrada na imagem que tomamos por objeto de análise, pudemos exemplificar o que é a leitura de um texto por meio da semiótica. Analisamos o caso em específico e tivemos a oportunidade de visualizar o processo de significação se formando por meio das múltiplas codificações que se encontram no entorno da foto e, posteriormente, colocarmos todos os aspectos detectados dentro de uma cultura. O que realizamos foi um processo de modelização, retomando os conceitos do referencial teórico e aplicando-os à imagem e, assim, atribuímos significação à mesma.

Ao final deste trabalho concluímos todos os tópicos levantados inicialmente produzindo o resultado esperado na análise dos discursos presentes no cenário da fotografia. Além disso, foram destacadas as relações de poder que surgem em diferentes sistemas dentro do contexto fotográfico. Por fim, este estudo nos traz pontos relevantes na área do jornalismo, principalmente entendendo que a imagem fala ao público e este produz sentido sobre ela e, para que este processo ocorra, há a necessidade de observar os elementos utilizados por jornalistas na formação de conteúdo, neste caso o estudo se valida por destacar quais pontos se tornam essenciais aos profissionais quando é necessário produzir informação além das palavras escritas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1930.
- GOHN, Historia dos movimentos sociais e lutas sociais. Edições Loyola: São Paulo, 1995
- GUIMARÃES, Sídney Cursino. **A Polifonia em “Nós, Os Temulentos” de Guimarães Rosa**. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/LIVROCOLOQSEM2.doc>
Acesso em: 17 de julho de 2013.
- GUIMARÃES, Luciano. **A Cor como Informação**. São Paulo. Annablume Editora, 2003.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.
- LOTMAN, Yuri. **A estrutura do texto artístico** (trad. M. Carmo V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa, 1978.
- MACHADO, Irene. **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007
- MERREL, Floyd. **Yuri Lotman, C. S. Perice e semiose cultural**. Galáxia, nº 5, 2003.
- MOURA, Sandra Regina. **O jornalismo investigativo como texto da cultura**, 2007.
Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 11 de julho de 2013.
- NOBRE, Itamar de Moraes, GICO, Vânia de Vasconcelos. **Imagem fotográfica, cultura e sociedade**, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. 2011
- PEDROSA, Taís Moraes Campos. **Significado e Significante da Cor no Processo Informacional: Estudo Aplicado a Construção de Interfaces Digitais para Web** / Taís Moraes Campos Pedrosa. Salvador: T. M. C Pedrosa, 2006.
- RBS, Grupo. Nota de esclarecimento. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/GrupoRBS/posts/589778624377063>>. Acesso em: 16 de julho de 2013.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Análise de Gêneros do Discurso na Teoria Bakhtiniana: Algumas Questões Teóricas e Metodológicas**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 4, n. 2, 2004.
- SIGNOR, Rita. **Resenha: Os Gêneros do Discurso: Estética da Criação Verbal**,



SOUSA, Jorge Pedro. **Fotjornalismo – introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002

VAZ, Clara Araujo. **Gênero do Discurso como Prática Social: as vozes dos leitores na construção do “box de correção”**. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<<http://www.letas.ufrj.br/posverna/mestrado/VazCA.pdf>> . Acesso em: 25/09/2013

VIANA, Karine. **Manifestação em Porto Alegre**. Disponível em:
<<http://fotonarrativa.wordpress.com>>. Acesso em: 17 de julho de 2013.

VÓLKOVA, Ekaterina. **Alguns aspectos da semiótica da cultura** / Ekaterina Vólkova Américo; Orientadora Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo, 2012.